

O LUGAR DA APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE SOBRE AS TICs DA EDUCAÇÃO.

DANIELA QUEIROZ

Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e tecnológica – PPGEdumatec
daniela.mouroz@gmail.com

SÉRGIO ABRANCHES

Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e tecnológica - PPGEdumatec

RESUMO:

A sociedade atual vive um intenso processo de transformações, atingindo os diferentes campos sociais, sendo fator determinante o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). O interesse pela presente pesquisa surgiu do seguinte questionamento: qual o “lugar” da aprendizagem na liquidez do tempo? Neste sentido, o presente artigo analisa o lugar da aprendizagem em uma sociedade em transformação, tendo como destaque as mudanças observadas nas práticas desenvolvidas pelos estudantes nas atividades de aprendizagem. A metodologia utilizada é de caráter descritivo, tomando como base de dados os resultados apresentados pela pesquisa do Inep TIC/2016. Tendo como base teórica a análise da sociedade líquida feita por Bauman, as interações sociais propostas por Vygotsky e a inteligência coletiva propugnada por Lévy, o texto identifica como principais resultados as mudanças no lugar da aprendizagem vivenciada pelos alunos como processos de desterritorialização e reterritorialização em busca de um novo aprender.

PALAVRAS-CHAVE:

aprendizagem. Sociedade, tecnologia da informação e da comunicação, modernidade líquida, inteligência coletiva.

THE PLACE OF LEARNING: AN ANALYSIS OF EDUCATION ICT.

ABSTRACT:

Today's society is undergoing an intense process of transformation, reaching different social fields, with the use of Information and Communication Technologies (ICTs) being a determining factor. Interest in this research arose from the following question: what is the “place” of learning in the liquidity of time? In this sense, this article analyzes the place of learning in a changing society, highlighting the changes observed in the practices developed by students in learning activities. The methodology used is descriptive, taking as a database the results presented by the



Inep TIC/2016 survey. Based on the theoretical basis of the analysis of liquid society made by Bauman, the social interactions proposed by Vygotsky and the collective intelligence advocated by Lévy, the text identifies as main results the changes in the place of learning experienced by students as processes of deterritorialization and reterritorialization in search of a new learning.

KEYWORDS:

Learning, Society, information and communication technology, net modernity, collective intelligence.

1. INTRODUÇÃO:

Este estudo tem como objeto o “lugar” da aprendizagem na atual sociedade do conhecimento. A expressão “lugar” tem muitos significados. Ao pesquisar no dicionário Aurélio, lugar é “espaço que ocupa ou pode ocupar uma pessoa, uma coisa: um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar”. Nesse sentido, faz-se relevante compreender o “lugar” da aprendizagem no contexto em que ocorrem as relações interpessoais construídas a partir das Tecnologias da Informação e Comunicação (Inep TIC/2016), ao mesmo tempo, refletindo sobre a liquidez dos tempos (BAUMAN, 2000). A sociedade da informação apresenta um novo quadro nas relações sociais (CASTELLS, 1996) e as interações estão marcadas por redes, fluxos e identidades. Kenski (2003) acrescenta que as novas tecnologias modificam a forma como o sujeito pensa, se comporta e age.

Sendo assim, esta pesquisa se apresenta como pertinente e atual, pois a educação, em geral, se encontra engessada nos currículos formais, não absorvendo em si a dinâmica da sociedade em rede, e, talvez mesmo, inóspita perante a sociedade da informação e a inteligência coletiva (LÉVY, 2003). Por isso, esta pesquisa questiona o novo “lugar” da aprendizagem, e, pesquisar sobre esse



contexto contribui para o campo da Educação, mediante a inserção digital e tecnológica na vida do estudante que já se encontra em rede.

Nossa perspectiva parte do interesse e da necessidade em analisar os desafios do “lugar” atual do aprender diante do movimento moderno líquido, o imediatismo e a inteligência coletiva. O interesse partiu da problemática: qual o “lugar” da aprendizagem na liquidez dos tempos? A hipótese é que as TICs estão cada vez mais presentes no contexto da aprendizagem e não há como retroceder, pois o estudante já vive no ciberespaço, restando saber como melhor usá-las e, assim, ser formado como ser reflexivo e seguro do que quer e do como usá-las a seu favor no processo de construção pessoal, formal e profissional.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar o “lugar” da aprendizagem tomando como referência os dados produzidos pela TIC/2016 da educação.

2. TIC DA EDUCAÇÃO 2016 – OS ALUNOS:

Desde 2010 ocorre a pesquisa na TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) da Educação onde se busca avaliar escolas privadas e públicas de áreas urbanas. Então, é realizado um levantamento com diretores, coordenadores pedagógicos, professores (das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática) e com os alunos. Os indicadores são construídos, por etapas, para analisar: a infraestrutura escolar, a capacitação dos professores, o perfil docente e discente, as suas atividades desenvolvidas, as habilidades e a capacitação e os possíveis obstáculos no uso das tecnologias no ambiente escolar.

Para levantamento desses indicadores das TICs da Educação, o Cetic.br utiliza a pesquisa em áreas urbanas do território nacional, sendo em escolas públicas



(estadual e municipal) e em escolas privadas (desde 2011). Em sua metodologia são coletadas turmas regulares do Ensino Fundamental (5º ao 9º ano) e o 2º ano do Ensino Médio que possuem cadastro no Censo Escolar conduzido pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).

3. O LUGAR:

A expressão “lugar” tem muitos significados. Ao pesquisar no dicionário Aurélio, lugar é “espaço que ocupa ou pode ocupar uma pessoa, uma coisa: um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar”. Percebem-se descrições relacionadas ao espaço que ocupa, área, local, observação de uma região etc. Entretanto, na Geografia, um “lugar” pode ser expressado no sentido de uma aglomeração de pessoas, como em um município, chamando “aquele lugar”, “este lugar” ou o “lugar tal”.

Ao nos depararmos com a escola, sendo um lugar, um espaço institucional de relações interpessoais, Gadotti (2007) apresenta a escola como um lugar bonito, um lugar cheio de vida, nela existe o essencial: gente. A escola é um lugar em que os sujeitos expressam as suas ideias, refletem e constroem novos conhecimentos.

4. LIQUIDEZ E EDUCAÇÃO

No contexto social atual da humanidade são perceptíveis as mudanças na Modernidade, o desejo pela liberdade cresce, o homem não deseja mais ser controlado por lealdades tradicionais, direitos costumeiros e obrigações que atavam os pés e as mãos. Entretanto, a liberdade requer assumir a responsabilidade. O fracasso cai principalmente sobre os ombros dos indivíduos que não mais são atados.



Bauman (2000), em sua obra "Modernidade Líquida", contextualiza que se vive em tempos de "Ser leve e líquido", onde a "Fluidez" é a qualidade de líquidos e gases. O que os distingue dos sólidos, como a Enciclopédia britânica, com a autoridade que tem, nos informa, é que eles "não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis" e assim "sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão". Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo (BAUMAN, 2000, p. 07).

Nesse cenário, Bauman (2000) diz que "o mundo do lado de fora" das escolas cresceu mais do que se esperava diante da formação do estudante. O aluno busca respostas e informações no ciberespaço. A educação formal trabalhada na escola não consegue se delimitar no contexto "a escola prepara para a vida". O professor passa de fato a ser o mediador desse processo, orientando o aluno a filtrar o conhecimento e a buscar a sabedoria.

Porém, não é possível analisar o processo educacional sem associá-lo ao tempo em que vivemos. Com isso, faz-se necessário refletir na formação do indivíduo na sociedade em tempos de modernidade líquida (BAUMAN, 2001, p. 15):

Seria imprudente negar, ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da "modernidade fluida" produziu na condição humana. O fato de que a estrutura sistêmica seja remota e inalcançável, aliado ao estado fluido e não-estruturado do cenário imediato da política-vida, muda aquela condição de um modo radical e requer que repensemos os velhos conceitos que costumavam cercar suas narrativas.

No livro "As 44 cartas do mundo líquido moderno" Bauman (2000) relata que vivemos em uma crise educacional, sendo, no momento, uma crise distinta das anteriores, devido à liquidez do momento.



O mundo que habitamos tende a ser um mundo do esquecimento, as informações fluem e se modificam rapidamente. Segundo Bauman (2000), a crise na educação não é algo novo, sempre existiram períodos cruciais, assim como, estratégias que ajudavam a solucionar tal problema. Entretanto, nem todas as estratégias ajudam a solucionar, pois, a sociedade atual critica a pedagogia que muitas vezes não se adapta à situação de liquidez que vivemos, onde a solidez das coisas e das relações está sendo desvalorizada, pois, qualquer tipo de compromisso em longo prazo anuncia um futuro com responsabilidade e obrigações, se limitando a liberdade e as futuras chances de oportunidade, ainda desconhecidas. Modernidade que tudo se torna descartável, até algo muito desejado, envelhece rápido, perdendo o seu valor (BAUMAN, 2000, p. 79).

Com isso, a educação se depara com uma modernidade líquida, porém, os seus conteúdos são processuais, construídos aos poucos, tornando-se assim, desinteressantes. Em meio a tantas mudanças, o conhecimento parece ser mais atraente quando apto para o uso instantâneo e único, como os softwares de computador que encontramos nas prateleiras de loja e nos desfazemos deles, quando um é atualizado e/ou lançado.

A ideia de educação como um produto, destinado à apropriação e a ser conservado para sempre, em tempos atuais, torna-se desanimador para os jovens e também não beneficia os processos nas escolas/universidades. Antigamente os pais encorajavam os seus filhos quando diziam “o que vocês aprenderam nunca mais ninguém vai lhes tirar”. Hoje, esta frase teria um efeito antagônico tendo em vista que no mundo contemporâneo tudo é modificado, inovado e os compromissos também tendem a ser evitados (BAUMAN, 2000, p.78).



Bauman (2000), em uma de suas cartas, inicia com a ideia de que a educação formal, onde se fazia referência aos valores estáveis, se encontra em desvantagem. A educação passou de rotinas monótonas e uniformes para um mercado aberto, onde nada é definitivo. Por mais que haja reformas, a educação dentro dos prédios escolares é bem diferente do contexto do ambiente os quais os receberão ao terminarem os estudos.

Anteriormente, esperava-se que os homens imitassem as experiências behavioristas, onde observar e realizar, os acertos eram recompensados e os erros eram punidos, como exemplo o tempo fordista e, até mesmo, o serviço militar. Hoje, não há mais a vigilância, nem o controle excessivo (BAUMAN, 2000). A humanidade se desobriga dos compromissos.

Os estudantes querem orientadores para lhes mostrar como caminhar, e não professores que lhes façam seguir a única estrada possível – aliás, já cheia de gente, justamente por ser “a única”. Os orientadores que eles querem, e por cujos serviços se dispõem a pagar o que for preciso, devem ajudá-los a escavar as profundezas de seu caráter e personalidade. Os orientadores sem dúvida reprovam a preguiça ou a negligência, não a ignorância; eles lhes apresentarão um conhecimento prático do tipo “como fazer”, e não um conhecimento do tipo “saber que”, o mesmo que os educadores ortodoxos desejavam comunicar aos alunos – e o faziam muito bem. (BAUMAN, 2000, p. 77)

Enfim, não se pode moldar um indivíduo, escondendo suas falhas e ressaltando as suas aptidões, pois, a receita do sucesso é “ser você mesmo”, “não ser igual aos demais”. A necessidade, nos tempos de modernidade líquida, é de orientadores para se apresentar os caminhos e como se caminhar, e não de docentes que orientam apenas uma estrada possível.

5. APRENDIZAGEM E INTERAÇÃO



Vygotsky entende que o ser humano e o seu desenvolvimento de forma sociocultural ocorrem interagindo com o meio (RESENDE, 2009). A sua teoria ficou conhecida como sociointeracionista. Essa relação também é dialética, ou seja, ao mesmo tempo que o ser humano interage com o meio, ele também o transforma. Sua obra destaca a aprendizagem e o desenvolvimento (RESENDE, 2009).

Vygotsky (1991) descreve que o ambiente proporciona ao ser humano possibilidades necessárias para possíveis alterações perante o que se vive. Pelas interações sociais, sejam elas simbólicas ou físicas, ocorre desenvolvimento e criação, ao mesmo tempo que se forma e transforma ao construir novas formas de se enxergar a vida e a sociedade.

A linguagem tem a função de um intercâmbio social e, ao mesmo tempo, também possui pensamento generalizante, ao remeter a palavra ao seu significado, através do pensamento. Vygotsky nos traz algumas reflexões: as funções psicológicas têm base biológica, o cérebro é moldado ao longo da história de vida e o desenvolvimento é individual; o funcionamento psicológico tem suporte nas relações sociais; a cultura tem grande importância nesse processo; a relação sujeito com o meio é mediada por símbolos (STADLER et al., 2016). Para Vygotsky, ao longo da história social do homem, as funções psicológicas são aprendidas e desenvolvidas, como: pensar, organizar, categorizar, refletir etc.

A relação que o ser humano tem com o contexto é mediada pelo conhecimento adquirido ou pela experiência que foi assimilada. Nisso, Vygotsky entende que a interação é mediada por diversas relações. E a mediação é o ingrediente interposto em uma relação, ou seja, os mediadores são os instrumentos e os signos. Os mesmos oferecem estrutura para a ação do ser humano no mundo.



Para Vygotsky, sempre existe uma troca na relação com a aprendizagem, o ser humano não é inerte, ele se cria e constrói cultura (STADLER et al., 2016). Em outras palavras, fora dos muros da escola, o estudante se desenvolve, se potencializa. Entretanto, na escola o estudante deixa a zona de desenvolvimento real e se familiariza com a zona de desenvolvimento potencial, identificado como a zona de desenvolvimento proximal (VYGOTSKY, 1991). A zona de desenvolvimento real o estudante resolve os problemas com independência, porém, na zona de desenvolvimento potencial, o estudante se depara com problemas intrincados necessitando da ajuda de um mediador.

Contudo, o ambiente de aprendizagem deve estimular e favorecer o desenvolvimento do estudante para que o mesmo se sinta bem e construa o seu conhecimento. Dessa forma, a aprendizagem torna-se adequada e significativa, acrescentando no processo de desenvolvimento do estudante (RESENDE, 2009). Em outras palavras, um ambiente favorável estimula a troca do conhecimento.

Sem embargo, os meios de comunicação geram indiferença na medida em que os sujeitos se apresentam, apesar das distâncias terem sido reduzidas pelos meios de comunicação e de transportes.

6. O LUGAR E A INTELIGÊNCIA COLETIVA:

Segundo Lévy (2003), através das novas tecnologias, as conexões e os contatos nunca foram tão intensos, onde se vive o todo e em toda parte. Nesse contexto, tornou-se mais favorável a disseminação de competências e conhecimentos, facilitando o processo coletivo de construção dos fragmentos dos saberes, a inteligência coletiva. O meio digital proporciona a comunicação coletiva e



interativa, onde os sujeitos participam em momentos como receptores e em outros momentos como produtores, e às vezes, como os dois. Comunicação que potencializa novas formas de reconexão com os outros e consigo mesmo.

Os indivíduos vivenciam a tecnologia cada vez mais, também acontecendo na educação. Pierre Lévy nos traz a teoria da inteligência coletiva e da cibercultura. Segundo o autor, vivemos uma transformação de cultura, onde colaboramos na construção do conhecimento.

Diante da viabilização da informação e da comunicação, segundo Lévy (2003), a inteligência coletiva é distribuída por toda parte, ela é valorizada e articulada em tempo real.

A inteligência coletiva visa ao reconhecimento das habilidades tão necessárias a serem trabalhadas paralelas às competências no processo de ensino aprendizagem. E tais habilidades são reconhecidas nos sujeitos a fim de dispor em função da coletividade. Nisso, houve uma quebra de paradigma na formação e informação, devido às alterações no ciclo de informações, no tempo que se constroem informação e a comunicam. Informações que eram gestadas, gerenciadas em acervos tradicionais tornam-se coletivas. As informações são dirigidas em fluxos e orientadas aos usuários. O trabalho coletivo favoreceu o desenvolvimento de redes, a troca de informações, o dividir e o repartir conhecimentos e acessos. Há fluxos na informação.

Com outras palavras, para Lévy (2003), a inteligência coletiva é aquela que se compartilha com todos os sujeitos, não sendo restrita a alguns distintos. Ou seja,



conhecimento está em todos os sujeitos e é possível compartilhar, ninguém é inexistente.

No ciberespaço, os sujeitos mantêm-se interligados independente do espaço (LÉVY, 2000), se desterritorializam os saberes. Segundo Lévy (2003), é importante se identificar os sujeitos e entender as suas diferenças; diante do projeto da inteligência coletiva, ligado à cognição, é intencionado a trabalhar a competência dos sujeitos. Nessa perspectiva, na troca e na interação, a inteligência coletiva leva ao enriquecimento mútuo. A tecnologia potencializa o que existe no sujeito e em qualquer “lugar” é possível aprender.

7. A TIC/2016 E O LUGAR DA APRENDIZAGEM:

Nessa conexão, Bauman (2001) e Lévy (1995) apresentam uma leitura de mudança na modernidade, onde tudo está em rede, sendo perceptível a força da globalização, o ciberespaço, a cibercultura, o individualismo, a imagem, a identidade, a inteligência coletiva e a educação.

Outra característica na comunicação - oralidade digital – segundo Lévy (2004) é a capacidade de simulação um modelo digital não é lido e nem interpretado como um clássico texto, geralmente ele é explorado interativamente. O conhecimento, assim, cria um ambiente que estimula a atividade intelectual, exposição racional e imaginação.

O sujeito contemporâneo está afetado pelo ciberespaço e não sabe como reagir com as mudanças culturais e interpessoais. Na pós-modernidade, a conexão está em rede, onde a informação influencia o comportamento social, cultural, econômico e educacional. A escola não pode ser mais vista apenas em seus muros



internos, o docente precisa orientar e desenvolver em seus estudantes o pensamento reflexivo e crítico ao analisar as informações. Nesse ambiente, a propagação das tecnologias da informação e da comunicação trouxe a democratização do saber, porém, ainda não trouxe o discernimento para categorizá-los com sabedoria.

O imediatismo somado à liquidez leva o aluno à busca de respostas perante os desafios que se deparam no contexto moderno educacional, como apresenta a TIC/2016: o aluno em seu “lugar” da aprendizagem pode ser no quarto, na sala, na escola, no deslocamento etc., mais de uma vez por dia ele acessa a internet: realiza pesquisas, assiste a vídeos e interage nas redes sociais. A tecnologia potencializa o que existe no sujeito.

A aprendizagem pela internet surge como solução a muitos desafios da educação. E os alunos estão em todo o “lugar” favorável para aprender, a partir da desterritorialização e reterritorialização na busca da aprendizagem no processo de construção do conhecimento. É momento de refletir em como administrar o desejo, em como experimentar e orientar a comunicação transversal, propor orientação ao docente e ao discente para a produção coletiva do conhecimento, pois, hoje ele está em todo o “lugar”.

8. METODOLOGIA

Esta pesquisa é qualitativa, com caráter descritivo, a partir da análise dos dados das TICs/2016. Esta análise de dados secundários tem também um enfoque quantitativo, na medida em que trabalha os percentuais encontrados na pesquisa das TICs/2016.



A base de dados desta pesquisa é constituída pelos dados da TIC/2016, disponibilizados no Cetic.br 2016. Para tanto, procedeu-se primeiramente à identificação dos dados pertinentes à pesquisa e posterior separação dos mesmos para análise. Trata-se, portanto, de dados específicos e secundários, aqui reagrupados para análise. E, a análise dos dados procura organizar e sintetizar para propiciar resposta ao problema de pesquisa. No que refere a interpretação, ela irá procurar o sentido amplo das respostas, ligando a conhecimentos anteriores (GIL, 1999). Por fim, trata-se, portanto, de uma metodologia analítica, relacionando dados específicos, secundários.

Neste sentido, foram utilizados oito indicadores como dados secundários das TIC da educação 2016 dos alunos, sendo eles:

B4A - Alunos por frequência de acesso à internet;

B11- Alunos, por principal local de acesso à internet;

C4- Alunos por atividades realizadas na internet;

D1- Alunos por forma de aprendizado por uso do computador e da internet;

E1- Alunos, por uso de internet em atividades escolares;

E6- Alunos por redes sociais utilizadas;

E8- Alunos por redes sociais utilizadas para trabalhos escolares;

F7- Alunos, por uso do celular em atividades para a escola.

Para tal análise, inicialmente será feita a apresentação e análise desses oito indicadores da aprendizagem dos alunos obtidos pela TIC/2016 do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). E, por fim, será



apresentada e discutida a resposta para a questão do “lugar” da aprendizagem a partir da análise da TIC/2016, baseado no interacionismo social de Vygotsky, na liquidez dos tempos de Bauman e na Sociedade da Informação e na inteligência coletiva, de Lévy.

9. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Como modo de apresentação dos dados coletados, iremos dispor, a seguir, o resultado encontrado por indicador que foi por nós estabelecido para esta pesquisa.

O primeiro indicador trata da frequência de acesso à internet, apresentado em uma escala temporal.

Quadro 1 - O resultado do Indicador B4A - Alunos por frequência de acesso à internet.

Fonte: <http://cetic.br/pesquisa/educacao/indicadores>

Percentual (%)	Mais de uma vez por dia	Pelo menos uma vez por dia	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Menos de uma vez por mês
Total	68	19	09	02	02

O resultado do indicador na frequência de acesso à internet apresenta 68% de alunos que acessam mais de uma vez por dia a internet. A era da globalização veio para ficar, a troca de informações e a interação estão nitidamente presentes na vida dos alunos e o quantitativo de alunos que acessam a internet esporadicamente aponta dados quase irrelevantes.

Quadro 2 - O resultado do indicador B11 - Alunos, por principal local de acesso à internet.

Fonte: <http://cetic.br/pesquisa/educacao/indicadores>

Percentual (%)	Quarto	Sala de casa ou outro lugar que	Casa de outra	Escola	Em deslocamento	Outro local, como shopping,	Lanchonet e ou cybercafé	Telecentro
----------------	--------	---------------------------------	---------------	--------	-----------------	-----------------------------	--------------------------	------------

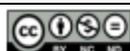


		não seja o quarto	peço a			Igreja ou lanchonete		
Total	42	38	13	2	2	2	1	0

Nesse contexto, o principal local dos alunos no acesso à internet é o quarto, seguido da sala ou outro lugar da casa. Os telecentros, lanchonetes ou cybercafé são menos contemplados. Resumindo, o aluno está mais conectado em seu quarto.

Quadro 3 - O resultado do indicador C4 - Alunos por atividades realizadas na internet. Fonte: <http://cetic.br/pesquisa/educacao/indicadores>

Percentual (%)	Google ou outro buscador	Vídeos para aprender coisas novas	Seguir página no Facebook ou outra rede social para	Usar chat do Facebook ou WhatsApp para aprender	Participar de algum grupo no Facebook ou outra rede	Comparar informações da internet em sites diferentes	Procurar mapas na internet para aprender coisas	Ler um livro ou um e-book na internet	Criar ou atualizar um perfil no Twitter, Tumblr	Editar um documento pela internet, como pelo Google Drive.	Postar filmes ou vídeos que fez no Youtube
----------------	--------------------------	-----------------------------------	---	---	---	--	---	---------------------------------------	---	--	--



			aprender coisas novas	coisas novas	social para aprender coisas novas		novas		lr, Blogs ou páginas na Internet		ou Vimeo
Total	87	85	64	62	54	51	49	46	37	24	13

No presente indicador, os alunos em suas atividades utilizam o Google, seguido de vídeos e das redes sociais, como o Facebook e Whatsapp, para aprender coisas novas. O quantitativo de acesso para aprender coisas novas corresponde a mais de 80% dos alunos.

Quadro 4 - O resultado do indicador D1 - Alunos por forma de aprendizado por uso do computador e da internet. Fonte: <http://cetic.br/pesquisa/educacao/indicadores>

Percentual (%)	Sozinho (a)	Com outros alunos ou amigos	Com outras pessoas, como parentes	Com vídeos ou tutoriais disponíveis na Internet	Com o (a) professor (a) ou educador (a) da escola	Cursos On-line
Total	79	77	74	73	47	26

Se mais de 80% dos alunos acessam a rede para aprender coisas novas, o indicador acima apresenta que esse acesso ocorre individualmente, entretanto, aproximadamente em percentual, é acessado com outros alunos ou amigos para juntos aprenderem coisas novas.

Quadro 5 - O resultado do Indicador E1 - Alunos, por uso de internet em atividades escolares. Fonte: <http://cetic.br/pesquisa/educacao/indicadores>

Percentual (%)	Fazer pesquisa para a Escola	Fazer trabalho sobre um	Realizar Trabalhos em	Fazer lição ou exercício que o	Fazer trabalhos escolares com	Fazer apresentações para colegas de classe	Jogar jogos educativos	Falar com o (a) professor (a)	Participar de cursos on-line	Outra tarefa



	a	tema	grupo	profes sor passa	colega s a distân cia					
Total	93	90	85	82	74	59	58	38	24	06

No uso da internet, para as atividades escolares, 93% dos alunos realizam pesquisa para a escola, 90% fazem trabalho sobre um tema utilizando a rede, realizam trabalhos em grupo, respondem a lição, se encontram sempre conectados para aprender mais e realizar as atividades escolares.

Quadro 6 - O resultado do Indicador E6 - Alunos por redes sociais utilizadas. Fonte: <http://cetic.br/pesquisa/educacao/indicadores>

Percentual (%)	Facebook	WhatsApp	Instagram	Snapchat	Twitter	Outra
Total	82	80	47	38	26	05

As redes sociais mais utilizadas são o Facebook, seguido do Whatsapp, Instagram e Snapchat. Entretanto, o Whatsapp é apontado como o aplicativo mais utilizado de uso imediato para trabalhos escolares, tal como apresentado a seguir.

Quadro 7 - O resultado do Indicador E8 - Alunos por redes sociais utilizada para trabalhos escolares. Fonte: <http://cetic.br/pesquisa/educacao/indicadores>

Percentual (%)	Whatsapp	Facebook	Instagram	Snapchat	Twitter	Outra
Total	55	34	05	04	04	02

Quadro 8 - O resultado do Indicador F7 - Alunos, por uso do celular em atividades para a escola. Fonte: <http://cetic.br/pesquisa/educacao/indicadores>



Percentual (%)	Sim	Não	Não sabe
Total	52	47	01

E, por fim, o uso do celular em atividades para a escola apresentou o dado de 52%, provavelmente o acesso à pesquisa é realizado também no computador em casa. Já não se pode mais ignorar o quanto a rede, o acesso à internet, é muito utilizada, apresentando um novo “lugar” da aprendizagem na Sociedade da Informação. A internet oferece diversas possibilidades de lazer e de pesquisa para o aluno do tempo atual.

Torna-se evidente nos dados apresentados pelo Inep TIC/2016 que o espaço físico não delimita o estudante a aprender e a formar o seu conhecimento interagindo e buscando respostas a questionamentos provocados pelo professor, colegas ou por ele mesmo. Ele busca a resposta, ele a encontra e, em seguida, pode socializar. O estudante da atualidade está no ciberespaço, ele não tem limites, porque bem sabe que se encontra na Sociedade da informação.

Este quantitativo de estudantes que não se limitam aos muros do espaço físico da escola e de suas próprias casas aponta claramente para mudanças não só no aspecto formal da aprendizagem, mas também na sua dinâmica própria. Os estudantes vão além do alcance visual físico em busca do conhecimento, seja no espaço escolar, em sua casa, em seu quarto, no deslocamento do percurso... em todo “lugar” ele está para obter o conhecimento e o partilhar. Ocorre a integração. Não precisa de um lugar determinado porque em tudo que se vive pode haver aprendizagem. Em qualquer “lugar” é possível aprender.



E ao analisar a inteligência coletiva na sociedade, em seu papel interacional, percebeu-se que há uma valorização moderna líquida das capacidades individuais, onde se propõe valorizar a sinergia do sujeito por meio do uso das tecnologias, buscando respostas e compartilhando o aprendido. Em outras palavras, **a tecnologia potencializa o que existe no sujeito.**

Em síntese, há uma necessidade da escola e do professor olharem atentamente para esse novo “lugar” das práticas de inteligência coletiva, onde o imediatismo líquido da **desterritorialização e reterritorialização** tem influenciado de forma considerável o acesso a ambientes digitais para a construção do conhecimento, iniciando uma reflexão plausível sobre **o novo “lugar” da aprendizagem.**

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As alterações provocadas pela forte presença das TICs na sociedade já se fazem notar em todos os espaços sociais, não sendo diferente no campo educacional. Assim, importa saber agora como tais alterações estão configurando os campos sociais e, no caso da educação, a aprendizagem dos estudantes.

Esta pesquisa buscou identificar uma mudança específica no campo educacional que é o “lugar” da aprendizagem. A hipótese de trabalho se confirma apontando que as TICs estão cada vez mais presentes no contexto da aprendizagem, e isso se deve ao fato de que o estudante já vive no ciberespaço. Assim, falar em lugar somente como referência ao espaço físico não consegue abarcar a dinâmica de reterritorialização vivida pela aprendizagem, agora sem os limites do espaço físico escolar.



Como questão que se depreende da discussão aqui apresentada, surge o questionamento do processo formativo dos estudantes, e seus desdobramentos, que agora não mais centralizam sua aprendizagem no lugar formal da aprendizagem, pois o processo de mudança de lugar da aprendizagem implica uma significativa mudança também na formação seja ela profissional ou mesmo pessoal dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CASTELLS, Manuel. Fluxos, rede e identidade: uma teoria crítica da sociedade da informacional. In: CASTELLS, Manuel (org.). *Novas perspectivas críticas em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GADOTTI, M. *A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar*. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Cetic.br*. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/>> Acesso em: 20. ago. 2017.

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas, SP: Papirus, 2003.



LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência – O futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. *Para navegar no século XXI. Tecnologias do imaginário e cibercultura*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

RESENDE, Muriel L. M. *Vygotsky: um olhar sociointeracionista do desenvolvimento da língua escrita*. 2009. Disponível em:
<<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1195>>.

STADLER, Gesane; ROMANOWSKI, Joana P.; LAZARIN, Luciane; ENS, Romilda T.; VASCONCELLOS, Sílvia. *Proposta pedagógica interacionista*. 2016. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documents/CI/TC-CI0087.pdf>>

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

